

## CAMINHANDO PELO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ESTUDO PRELIMINAR SOBRE O CAMINHO FABRIL

MARIANA TAVARES LAFOLGA<sup>1</sup>; ANA ELÍSIA DA COSTA<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [marianalafolga@gmail.com](mailto:marianalafolga@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul – [ana\\_elisia\\_costa@hotmail.com](mailto:ana_elisia_costa@hotmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O patrimônio industrial surge com a valorização de vestígios da produção fabril, conferindo significado histórico, técnico e simbólico a estruturas e equipamentos antes vistos apenas como traços produtivos e econômicos (ROSA, 2011). Em territórios pós-industriais, marcados por processos de industrialização e posterior desindustrialização, especialmente entre as décadas de 1970 e 1990, a preservação desses espaços enfrenta inúmeros desafios que colocam em risco a existência de elementos materiais e simbólicos importantes. Entre os desafios, destacam-se os relacionados ao abandono e à descaracterização de acervos, bem como aqueles impostos pelo jogo de interesses da especulação imobiliária e da apropriação cultural (OCHOA, 2015; COSTA; LAFOLGA, 2025).

Nesse cenário, a educação patrimonial busca produzir e socializar conhecimentos sobre estruturas e práticas fabris do “passado”. Em uma perspectiva de educação humanista e emancipatória, contudo, esse resgate do passado se dá desde a reflexão crítica sobre processos que afetam esse patrimônio no “presente” e com vistas a encontrar alternativas para o enfrentamento de desafios no “futuro” (NITO; SCIFONI, 2017; COSTA, 2021). Para tanto, recorre-se a inúmeras práticas educativas que demandam a participação ativa e a interação dos participantes e que relativizam o papel hierarquizado do professor. Entre essas práticas, destacam-se caminhadas coletivas que valorizam a experiência individual e que oportunizam momentos de trocas de sensações e impressões e de reflexão e construção coletiva do conhecimento. Nesses moldes, entende-se que é ampliada a mobilização para a aprendizagem, levando a uma maior interpretação, ressignificação e apropriação crítica do conhecimento (CARERI, 2002; INGOLD, 2010; 2015).

O projeto Caminho Fabril, localizado na cidade de Rio Grande - RS e promovido pela UFPel, exemplifica uma prática de educação patrimonial fabril. Atuante sobre antigas instalações industriais e territórios urbanisticamente transformados, o projeto busca valorizar esse acervo como patrimônio material e imaterial da cidade (CF, n.d.; NERY; FERREIRA, 2023). Para isso, promove caminhadas coletivas presenciais, além de recorrer a diversos instrumentos virtuais de mediação, como um mapa do patrimônio industrial, uma plataforma colaborativa de registro de memórias operárias e uma plataforma de compartilhamento de vídeos online para transmissão de caminhadas virtuais. (COSTA; LAFOLGA, 2025).

Esse projeto é um dos estudos de caso de uma investigação de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, intitulada *“Educação Patrimonial e Universidades Brasileiras: caminhos e descaminhos”*. Objetiva-se com essa investigação analisar práticas de educação patrimonial promovidas por universidades brasileiras, com

vistas a identificar níveis de assimilação de novas orientações pedagógicas propostas na área (SCIFONI, 2022).

Nesse contexto, o presente trabalho assume como objetivo específico analisar potencialidades e limitações da caminhada como prática de educação patrimonial. Para tanto, discute a experiência da participação direta em uma das caminhadas coletivas promovidas pelo projeto Caminho Fabril, à luz de marcos teóricos previamente definidos. Trata-se de um trabalho de natureza qualitativa e exploratória que é guiado pelas seguintes questões: A caminhada contribui para uma efetiva interpretação e ressignificação do patrimônio industrial em suas dimensões culturais, simbólicas e sociais? Atua no fortalecimento da memória e da identidade de comunidades locais diretamente vinculadas?

Justifica esse estudo a possibilidade de subsidiar o aprimoramento do próprio projeto do Caminho Fabril, cuja relevância para a cidade de Rio Grande é aqui incontestada. Por outro lado, ele também contribui para o desenvolvimento da referida investigação de mestrado.

A análise indica que a caminhada experienciada, em algum grau, aproximou os participantes do patrimônio industrial e das memórias operárias, estimulando reflexões sobre os seus significados históricos, simbólicos e sociais. A potencialidade da experiência, contudo, foi limitada pela centralização do saber na figura de especialistas, pela restrita participação da comunidade local e pela ausência de momentos de trocas coletivas entre os participantes.

## 2. METODOLOGIA

O estudo se concentra na experiência da caminhada promovida pelo Caminho Fabril no dia 27 de outubro de 2024. Como parte de uma pesquisa de campo, a observação participante envolveu uma coleta de dados, com registros fotográficos, vídeos, anotações em campo-de-campo de percepções sobre as experiências e interações dos participantes. A análise, baseada nos marcos teóricos adotados pela referida pesquisa de mestrado, buscou identificar os modos de comunicação do patrimônio, as oportunidades individuais e coletivas oferecidas para sua ressignificação, bem como a abertura de espaços para engajamentos em sua defesa.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A caminhada promovida pelo Caminho Fabril no dia 27 de outubro de 2024 percorreu ruas históricas da cidade do Rio Grande, como Aquidaban e Portugal, contemplando edificações significativas como a antiga Fábrica Leal, Santos & Cia, o Café São Domingos e o Frigorífico Anselmi.

Sem haver discussões ou interações prévias, ao longo da caminhada foram feitas paradas em que a historiadora-condutora forneceu informações sobre fundação das fábricas, proprietários, atividades e produtos. Em alguns momentos, essas paradas foram feitas sem anúncio prévio, o que dificultou a ancoragem espacial do conteúdo e limitou a participação ativa dos envolvidos. Em outros momentos, as informações foram mediadas pelo uso de materiais visuais e objetos históricos - fotografias antigas, embalagens de produtos industriais, trechos de relatos de memórias operárias etc -, o que potencialmente favoreceu a ativação de memórias vividas ou ouvidas e a sensibilização para uma maior compreensão dos contextos históricos de produção dos patrimônios envolvidos.

De qualquer modo, a comunicação se centrou predominantemente na fala da condutora. Apesar da acolhida dela a alguns relatos e questionamentos dos participantes, ficou evidente a falta de planejamento de momentos ao longo da caminhada para expressões individuais e para trocas coletivas de sentidos, o que revela um modelo de educação ainda hierarquizado e informativo.

Esse papel centralizador da condutora também foi evidenciado com a ausência na atividade de pessoas da comunidade local. Registra-se apenas a interação ocasional de um transeunte com os caminhantes ao longo do percurso, o que foi acolhido, mas não explorado em profundidade. Entende-se que essa presença poderia sensibilizar mais os participantes, apresentando-lhes uma história viva e sensível. Por outro lado, isso também poderia oferecer à comunidade oportunidades de protagonizar como narradores ou mediadores e de fortalecer suas próprias identidades.

Ao final da caminhada, ocorreu uma momento de avaliação da atividade. Envolvendo o sorteio de perguntas, a atividade, apesar de permitir manifestações individuais, se concentrou naqueles que assumiram a condição de respondentes. Mais uma vez, portanto, foi ressentida a falta de oportunidade para uma construção coletiva de sentidos, como poderia ocorrer nas tradicionais rodas de conversa que estimulam a dialogicidade e a interação coletiva (BEDIN, PINO, 2018).

Considerando que a eficiência pedagógica de uma caminhada se constrói nas interações dialógicas ao longo do percurso e nos momentos que o precedem e o sucedem (FREIRE, 2001; INGOLD, 2015), entende-se que a prática proposta merece aprimoramentos. Nesse contexto, modos de comunicação menos centralizados; formas de participação mais ativas da comunidade e dos caminhantes; bem como a proposição de atividades coletivas antes e após eventos, podem qualificar a intencionalidade educativa da ação. Considera-se ainda que os próprios recursos digitais do projeto, como os referidos mapa online e plataforma colaborativa, poderiam ser integrados no antes, durante e após atividade, conectando a experiência presencial ao meio digital e promovendo engajamentos mais prolongados no tempo-espacó.

#### 4. CONCLUSÕES

Tais críticas não desmerecem o mérito do projeto que, em algum grau, cumpre o importante papel de aproximar os participantes do patrimônio industrial e de suas memórias coletivas. Deve-se ainda observar que essa análise crítica é preliminar, baseada em uma experiência única e sujeita a subjetivações da autora e a uma interpretação empírica. De qualquer modo, ela contempla uma abordagem-piloto que pretende ser aprimorada e ampliada em etapas posteriores da investigação de mestrado e ainda, complementada com entrevistas aos integrantes do projeto.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEDIN, E.; DEL PINO, J. C. Interações e intercessões em rodas de conversa: espaços de formação inicial docente. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 99, n. 251, 9 maio 2018.

CARERI, F. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. 1 ed. Tradução Frederico Bonaldo. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

**CF - Caminho Fabril.** Projeto de extensão Caminho Fabril: patrimônio industrial da cidade do Rio Grande, Rio Grande, n.d. Online. Disponível em: <https://caminhofabrilrg.wixsite.com/site>. Acesso em: 03 jan. 2023.

COSTA, A. E. Entre cervejas e hubs: reabilitação patrimonial em Lisboa. **Revista Pós FAU-USP**. São Paulo, v. 28 n. 53, pp, 1-13, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/185117>. Acesso em: 04 jun. 2022.

COSTA, A. E; LAFOLGA, M. T. ENLACES PRESENTE-PASSADO-FUTURO: Reflexões sobre a educação patrimonial em contextos pós-industriais. **PIXO - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**, v. 9, n. 34, p. 224-239, 24 ago. 2025.

FREIRE, P. Conscientização: teoria e prática da libertação. São Paulo: centauro, 2001. In: TOLENTINO, A. B. (Org.). **Educação patrimonial**: reflexões e práticas. – João Pessoa: Superintendência do IPHAN na Paraíba, 2012.

SCIFONI, S. Patrimônio e educação no Brasil: o que há de novo?. **Educação e Sociedade**, Campinas, n.43, p. 1 - 13, 2022.

INGOLD, T. O Dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção, **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.21, n.44, p. 21 - 36, 2015.

INGOLD, T. (2010). Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/6777> Acesso em: 06 set. 2024.

ROSA, C. L. O patrimônio industrial: a construção de uma nova tipologia de patrimônio. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH**, 26., 2011, São Paulo. Anais... São Paulo: ANPUH, 2011.

NERY, O. S; FERREIRA, M. L. M. Percursos entre Memórias do Trabalho e Patrimônios Industriais (Rio Grande/Rs). **História e Cultura**. v. 12 n. 1, pp, 15-42, 2023. Disponível em: <https://ojs.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/3830>. Acesso em: 18 jun. 2024.

NITO, M. K.; SCIFONI, S. O patrimônio contra a gentrificação: a experiência do inventário participativo de referências culturais do Minhocão. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, n. 5, p. 38-49, 2017. Acesso em: 30 mar. 2023.

OCHOA, A. R. Dinâmicas de Crescimento em metrópoles Portuárias. tensões a oriente da Cidade de Lisboa. **On the Whaterfront**, n. 7, p. 30-41, set. 2005. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/Waterfront/article/view/217110> . Acesso em: 15 fev. 2020.